

***A FOME, DE RODOLFO TEÓFILO: A CONSTRUÇÃO DE UM HERÓI À MODA EUROPEIA***

***A FOME, BY RODOLFO TEÓFILO: THE CONSTRUCTION OF A HERO IN THE EUROPEAN FASHION***

Helder Thiago Cordeiro Maia<sup>1</sup>  
André Luis Pereira Vellanos<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo analisa o processo de acumulação literária no romance *A fome* (1890), de Rodolfo Teófilo. O conceito de acumulação literária está na base de leitura de Antonio Candido e diz respeito ao processo de formação da literatura brasileira, que surge marcada pela tensão entre modelos europeus e matéria local, ou seja, procura tratar das condições da experiência brasileira segundo os moldes importados da Europa. Assim, para entendermos o processo de acumulação literária e seus impasses frente à matéria brasileira no romance *A fome*, analisamos a construção do personagem Manuel de Freitas, narrado como herói na narrativa.

**Palavras-chave:** Acumulação literária, *A fome*. Personagem.

**ABSTRACT**

This work investigates the process of literary accumulation in the novel *A fome* (1890), by Rodolfo Teófilo. The literary accumulation is at the base of Antonio Candido's reading. It concerns the formation process of Brazilian literature, which emerges from the tension between European models and local matter, i.e., seeks to deal with the conditions of local experience according to imported molds from Europe. In order to understand the process of literary accumulation and its impasses regarding the Brazilian material in *A fome*, the article analyzes the construction of the character Manuel de Freitas, presented as a hero in the novel.

**Keywords:** Literary accumulation, *A fome*. Personage.

**Introdução**

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Comparada, professor do PPG de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP). E-mail: [helderthiagomaia@gmail.com](mailto:helderthiagomaia@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP). E-mail: [andre.vellanos@usp.br](mailto:andre.vellanos@usp.br)

O conceito de acumulação literária está no cerne da leitura de Antonio Candido acerca do processo de formação da literatura brasileira que, segundo o crítico, é composto por uma tensão, uma “dupla fidelidade” entre o modelo europeu e a matéria local. Essas leituras estão presentes em diversos textos do ensaísta, como nos livros *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)* (2017), *Educação pela Noite* (2017) e *Literatura e Sociedade* (2014).

No ensaio “Literatura de dois gumes”, de *Educação pela Noite*, o crítico destaca que em sua formação as nossas literaturas são em sua essência europeias, uma vez que continuam o estudo da alma e da sociedade concebido na tradição da metrópole. Ainda no mesmo texto, Candido lembra que o elemento mais interessante da literatura nos países do Continente Americano é a adaptação dos padrões estéticos e intelectuais da Europa às condições físicas e sociais do Novo Mundo.

A partir desse pressuposto histórico armado por Candido desde a *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)*, Roberto Schwarz, em *Ao vencedor as batatas* (1977), analisa os impasses do romance *Senhora* (1875[1997]), de José de Alencar. Logo na abertura do texto, Schwarz afirma que o romance é um gênero de acumulação que foi difícil para a literatura brasileira, porquanto os estímulos vinham e vêm de fora.

A partir deste arcabouço de “dupla fidelidade” apontado e analisado por Candido e desenvolvido posteriormente por Schwarz, Paulo Eduardo Arantes afirma, em *Sentimento da Dialética* (1992), que por meio deste olhar dialético é possível entender a lógica específica do sistema literário brasileiro.

Dessa forma, entendemos que o processo de acumulação literária é inerente à linha evolutiva do sistema literário brasileiro, fato que nos faz compreender a manutenção de elementos europeus em romances brasileiros de diferentes épocas. Vale lembrar que essa ocorrência fora observada por Machado de Assis lá em 1873, no seu ensaio “Instinto de nacionalidade”, no qual reconheceu, ainda naquela época, a dependência cultural do romance brasileiro em relação aos moldes da Europa e já chamava a atenção para o fato de que a conquista dessa independência levaria anos e deveria contar com o trabalho de muitas gerações. Sendo assim, é possível conjecturar que muitos romances brasileiros, publicados após o ensaio de Machado ainda trazem, em sua estética, aspectos pertinentes ao arquétipo europeu.

## **Manuel de Freitas: a idealização de um herói brasileiro segundo o modelo europeu**

Partindo do conceito de acumulação literária, pretendemos realizar a análise do romance *A fome*, de Rodolfo Teófilo, publicado em 1890. A obra tem como protagonista Manuel de Freitas, sertanejo descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do sertão cearense, que herdara do pai modesta fortuna e possuía uma boa educação. Todavia, a chegada da seca de 1877 obriga o sertanejo e sua família a se desfazerem de suas posses e a empreenderem uma longa caminhada rumo a Fortaleza. Essa campanha oferece inúmeras dificuldades à família, porém o personagem principal, dotado de enorme força física e de uma conduta ilibada, ressaltada pelo narrador desde as primeiras páginas da narrativa, resiste às adversidades e ao banquete de “decadência moral”, que a situação inóspita provoca nos retirantes de origem pobre. Logo na primeira página do romance, o narrador enfatiza a força física, bem como o caráter de Freitas, que é apresentado em tom de suspense, conforme podemos ver abaixo:

Sentado em um toro de madeira, na primeira manhã, em frente ao rancho, meditava um homem de pouco mais de cinquenta anos: era o chefe da família. Profundamente triste olhava para os alojamentos dos companheiros de infortúnio, abrigados também à sombra de árvores. A fome como o cortejo de dores não pudera apagar os traços daquela carnação. A musculatura estava reduzida, mesmo assim ninguém duvidava que os braços daquele homem pudessem sustentar um touro pelos cornos. A caixa torácica bastante larga e bem conformada guardava os órgãos mais importantes da vida sãos e vigorosos. Naquelas formas não havia um traço que não denotasse virilidade. Os tons de tristeza, carregando-se até aos matizes da nostalgia, assentavam mal naquela figura máscula. O gigante entretanto, absorvido todo em desvendar o futuro, meio desalentado, deixava as tristezas, que havia escondido dentro d’alma, saírem e se colocarem em sua frente. Era digna de reverência a postura meditativa do retirante a procurar seguir as miragens, que fugiam de imaginação afora.

A par da energia do caráter estava a bondade do coração, a doce expansibilidade no lar entre a família e os amigos. Aquela figura de aço, desfazia-se em carinhos no berço dos filhos, em serviços junto dos oprimidos. Manuel de Freitas é o seu nome (TEÓFILO, 2011, p. 17-18).

Como vimos, o narrador, primeiramente, expõe as qualidades e, só depois, dá nome ao detentor de todos aqueles atributos. Ressalta a virilidade de seus traços, enfatiza a figura máscula do personagem, chama-o de gigante, destaca a energia de caráter, salienta a sua bondade e, por último, em tom pomposo, diz quem é o possuidor

de todos esses predicados: “Manuel de Freitas é o seu nome”. Vale lembrar que tais características serão frequentemente reafirmadas e destacadas ao longo de toda narrativa, como podemos observar nas passagens abaixo:

Era necessário água e onde encontrá-la? O sol ainda estava alto, e Freitas, arrostando a sede, a fadiga, o calor, decidiu-se, animado por um supremo esforço, a procurar a fonte (TEÓFILO, 2011, p. 48).

Ou ainda:

O trajeto era curto, e por isso, pouco depois de meio-dia, chegava ao rancho com a última raiz. Tinha mais de quinhentos quilogramas de matéria vegetal, que daria dez por cento de fécula, de uma substância alimentícia, a *goma de mucunã* (TEÓFILO, 2011, p. 70-71).

É possível notarmos, nos excertos acima, a preocupação do narrador em destacar o esforço colossal e hercúleo de Freitas para vencer as adversidades impostas pela seca. No segundo fragmento, percebe-se que a exposição ao sol abrasador, à fome, à ausência de água, e a longa caminhada não foram suficientes para impedir o vaqueiro de carregar, sozinho, mais de meia tonelada de goma de mucunã.

Ainda no início do romance, Manuel de Freitas, provido de uma enorme força física, que o narrador não hesita em ostentar, é capaz de escalar, por meio de cipó, um outeiro de dez metros. Nessa passagem, fica clara a pretensão do narrador de evidenciar o tamanho da façanha de Freitas, porquanto chega a fazer uso de superlativo e salienta que o monte “era formado por quatro grandes rochas superpostas” (TEÓFILO, 2011, p. 36), “de milhares de toneladas”, “de ascensão difícilíssima se não impossível” (TEÓFILO, 2011, p. 36) e “Nem um ponto vulnerável” (TEÓFILO, 2011, p. 36). Nessa mesma medida, o narrador também não economiza em enaltecer a fisiologia hercúlea do personagem, pois “sua musculatura ágil e forte em um instante pô-lo no vértice da rocha” (TEÓFILO, 2011, p. 36), “Os músculos não precisavam do apoio; os braços guindavam o corpo e, para ostentarem força durante a ascensão, a cabeça esteve sempre no nível dos punhos” (TEÓFILO, 2011, p. 36-37) e “Quando a musculatura se contraía, via-se a manga da camisa no terço superior do braço se estiraçar com o volume do novelo de músculos” (TEÓFILO, 2011, p. 37).

No entanto, a maior proeza de Freitas não fora essa, mas a cena na qual entra em confronto com uma onça e a abate com “sua agilidade pasmosa” (TEÓFILO, 2011, p.

40), utilizando a seu favor apenas um chapéu de couro e uma faca. Nessa passagem, repleta de drama, o narrador novamente não poupa elogios a Freitas, que animado pela convicção de que a onça não resistirá à sua musculatura e ao seu terçado a ataca de súbito (TEÓFILO, 2011, p. 40). Ao longo de sua epopeia, o sertanejo salva um recém-nascido, prestes a expirar, preso ao regaço da mãe, que morrera no momento do parto; esmaga, com a mão, morcegos que se alimentavam do sangue de uma criança, ainda viva; resgata uma família de cegos, deixando-a na cidade aos cuidados do padre, enterra os defuntos que encontra pelo caminho, desarma com extrema destreza e agilidade, semelhante a de um samurai, os comboieiros, que agrediam os retirantes, e, por último, salva uma jovem, ainda viva, da selvageria de urubus que bicavam os olhos da moça e retiravam suas tripas.

Podemos perceber que, além de apresentar um Hércules à brasileira, a narrativa conduz o leitor a realizar uma leitura extravagante, ou seja, hiperbólica das ações de Freitas. Esse aspecto empolado, presente em *A fome*, está atrelado à necessidade de construção de uma identidade nacional e a invenções, transformadas em estereótipos, que têm como objetivo satisfazer o leitor urbano, europeizado artificialmente.

Após a Independência, foi necessário mostrar que havia, no Brasil, uma literatura que exprimia características julgadas como nacionais. Daí a importância dada, no Romantismo, ao indígena, expressão contundente de brasilidade, e ícone da mitologia nacional. A ideia de país novo promovia a necessidade de criar e salientar aspectos da realidade brasileira, porquanto havia a preocupação de construir a identidade nacional da jovem nação a partir da ênfase às características naturais e da construção de figuras representativas dessa brasilidade. Candido, em “Literatura e Subdesenvolvimento”, observa que no início do período independente o indianismo apresentava o habitante natural como antepassado mítico e que adiante surgiu o regionalismo que é decorrente da preocupação de se construir uma identidade nacional a partir da ênfase às peculiaridades locais, pois o fato dessas particularidades estarem ligadas à terra proporciona uma sensação de pureza, porquanto os costumes e a linguagem não estariam marcados por elementos estrangeiros. Em decorrência desse espírito puritano é que surge a presença literária do sertanejo, representante “impoluto” dessa nacionalidade, pois este estaria isento, assim como o indígena, do cosmopolitismo que “afligia” os centros urbanos. No entanto, como já observado anteriormente, Freitas é um Hércules à brasileira. Esse aspecto se deve ao fato de a literatura brasileira ser um

“galho das metropolitanas”, assim como observa Candido (2017). Nessa mesma toada, Silviano Santiago, no ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, assinala que a América age como simulacro da literatura dos centros metropolitanos da Europa, segundo podemos ver a seguir:

A América transforma-se em cópia, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo original, mas em sua origem apagada completamente pelos conquistadores (SANTIAGO, 2000, p. 14).

Ou seja, esse aspecto hercúleo do sertanejo Freitas está relacionado à influência cultural de fórmulas literárias que a literatura brasileira recebeu, ao longo de sua formação, dos países europeus. No texto “A presença do Ocidente”, Candido salienta que dentre os quatro grandes temas que presidem à formação da literatura brasileira como sistema entre 1750 e 1880 está a incorporação aos padrões europeus. Ainda que o crítico aponte para um arco temporal determinado entre 1750 e 1880, entendemos que há resquícios dessa afirmação no romance de Teófilo, 1890. No texto “Natureza e Rusticidade”, Candido aponta que as formas ideais de homem invocados nas obras oferecem a chave para compreender a relação da literatura com o momento ideológico e histórico. Luciana Murari, no ensaio “O real inverossímil: ficcionalidade e pedagogia social na prosa regionalista de Rodolfo Teófilo”, presente no livro *Regionalismo Modernização e Crítica Social na Literatura Brasileira*, organizado por Humberto Hermenegildo de Araújo e Irenísia Torres de Oliveira, também ressaltou essas estratégias de construção de protagonistas paradigmáticos ao afirmar que, embora não representem a realidade social de seu tempo, promovem o estabelecimento do padrão físico e comportamental idealizado, fato que se dá em *A fome*, segundo podemos ver a seguir:

A elaboração ficcional a partir de protagonistas paradigmáticos, ainda que não representativos da realidade social de seu tempo, atuava, sem dúvida, como uma estratégia normativa, destinada ao estabelecimento do padrão físico e comportamental desejável, o que se dá em *A fome e Maria Rita* (MURARI, 2010, p. 242-243).

Desse modo, entendemos que Freitas é uma mistura de elementos locais (sertanejo) e metropolitanos (hercúleo), porquanto deseja construir o estereótipo de um

herói brasileiro e, ao mesmo tempo, valer-se de modelos europeus para a configuração desse personagem. Candido ainda afirma, em “Literatura e subdesenvolvimento”, que o atraso brasileiro oferece peculiaridades da realidade local, o qual insinua um regionalismo que, ao parecer afirmação da identidade nacional, pode ser interpretado, na verdade, como um modo de oferecer ao público europeu ou europeizado o tom presumido que ele desejava desfrutar.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior, no livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, analisa que o Nordeste é uma invenção recente na história brasileira. Segundo o historiador, o Nordeste deixa de ser simplesmente a área seca do Norte, para assumir, à parte, uma identidade racial, econômica, social e cultural, que serão inventadas, nordestinizadas, por intelectuais que atribuem à região fala e imagem. Com isso, afirma o estudioso, o Nordeste passa a ser, então, uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como aspectos do ser nordestino e do Nordeste, de modo a reificar determinados elementos e aspectos da vida social.

Esses estereótipos, que ignoram o elemento histórico, repercutem de tal modo que passam a ser difundidos pela mídia, artes, pelos habitantes de outras regiões e, até mesmo, pelos próprios nordestinos. Ou seja, essa visibilidade e dizibilidade, usando as expressões de Albuquerque, não nascem apenas fora do Nordeste, mas também a partir de seu próprio discurso. Por isso, o historiador considera que: “o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado” (ALBUQUERQUE, 2021, p. 348).

Ademais, o heroico instinto de Freitas para sobreviver ante as intempéries impossibilita que o leitor atribua a “perversão moral” à seca, mas à “fragilidade” de caráter das classes pobres, porquanto o personagem mantém a sua humanidade diante do agudo processo de animalização sofrido pelos retirantes que pertencem às classes inferiores. O sertanejo, ao contrário dos demais retirantes, não age de maneira animalizada, todavia com racionalidade, ao ponto de cogitar pôr termo à contenda, assim como podemos ver no fragmento abaixo:

Pelejavam corpo a corpo. Não se ouvia o tinir de um ferro, mas percebia-se que as carnes dos lutadores eram rasgadas a dentadas. Enquanto os contendores rolavam no chão enovelados num amplexo fratricida, o sítio foi invadido pela onda que avançava sempre, e com uma gula difícil de descrever comiam a farinha a mãos cheias. Freitas observava compungido aquela luta pela existência. Lembrou-se ainda

de pôr termo a ela, mas como se no delírio famélico embota-se o senso íntimo e o homem fica reduzido a bruto, a animal carnívoro, e que se vê faminto? Havia ali uma multidão de homens em tudo semelhante a uma manada de porcos esfomeados, a disputar o maior quinhão da ceva (TEÓFILO, 211, p. 79).

Murari (2010) considera que essa distinção de Freitas está relacionada à pressuposição de uma superioridade fisiológica, intelectual e moral e que haveria uma predisposição das camadas inferiores a ações animais: Isto, acreditamos, está relacionada à pressuposição de uma superioridade fisiológica que corresponde, simetricamente, à superioridade intelectual e moral que o habita, mais que aos outros, à sobrevivência e à manutenção da dignidade e dos valores humanos (MURARI, 210, p. 227-228).

Frederico de Castro Neves, em *A Multidão e a História (Saques e outras ações de massas no Ceará)*, também sublinha essa necessidade do narrador de alocar em posições distintas o personagem Freitas, narrado como impoluto, e a camada pobre, apresentada como uma massa inclinada à perversão moral, conforme podemos ver abaixo:

O romance *A fome* reforça esta visão dos pobres como criaturas à beira de um ataque de perversão, possuidoras de valores morais e éticos bastante frágeis e sempre propensas às formas pouco confessáveis de ganhar a vida. Mesmo entre os desafortunados da seca, contudo, o autor faz distinção entre os pobres e os homens de posição (NEVES, 2000, p. 36).

Ademais, Murari (2010) considera que esse preconceito também está atrelado a raízes de cunho racial, pois Freitas, personagem protagonista, pintado com tintas quentes de heroísmo exacerbado, tem sua fisionomia subentendida como um homem loiro de olhos claros, porquanto sua filha, Carolina, que “herdara do pai muitas de suas qualidades psicológicas e físicas” (TEÓFILO, 2011, p. 41) era alva e de olhos claros, como podemos ver abaixo:

Tinha um ar nobre que se percebia logo à primeira vista. Os olhos grandes e de um azul-celeste tinham a suavidade das almas puras e castíssimas, e davam uma expressão de vontade à fisionomia expandida em um rosto do mais correto oval, emoldurado por uma sanefa de cabelos louros. O nariz era aquilino. A boca formada por lábios rosados, conservava a castidade dos primeiros anos, e nunca fora maculada pela malícia ou desdém. O clima equatorial com o seu

sol de fogo criara aquela flor loura, branca e de olhos azuis (TEÓFILO, 2011, p. 30).

Podemos notar que as características físicas de Carolina são tipicamente europeias, loira, olhos azuis e nariz aquilino, esta última, comum às pessoas nascidas no sudoeste europeu. Tendo em vista a semelhança física entre Freitas e Carolina, Murari (2010) assinala:

Há, ainda, em *A fome*, uma sutil ética racial, uma vez que a personagem central, “descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão” (TEÓFILO, 1977, p. 5) é um homem que se deduz, pela comparação com a filha que “herdara do pai muitas de suas qualidades psicológicas e físicas” (TEÓFILO, 1977, p. 19), louro e de olhos claros (MURARI, 2010, p. 231).

Desse modo, a crítica observa que a conduta ilibada de Freitas pertence aos personagens oriundos da camada elevada e descendentes de europeus, ao passo que as ações narradas como imorais são praticadas pela camada pobre e, por extensão, aos negros. Esse preconceito está ligado a teorias raciais muito em voga no século XIX, que enxergavam negros e mestiços como anátemas da sociedade. Em seu livro *Dicionário da escravidão e liberdade* (2018), Lilian Moritz Schwarcz afirma que nesta época eram comuns estudos científicos que vinculassem a questão racial a certas enfermidades ou a desvios sociais, como podemos ver no excerto abaixo, no qual a historiadora e antropóloga comenta as recorrentes pesquisas dessa época:

Raça aparece, assim, como uma espécie de danação, um encontro marcado com o desvio: a epilepsia, a loucura, a pederastia, a criminalidade, a tuberculose ou as marcas que se espalhavam pelo corpo (SCHWARCZ, 2018, p. 408).

Ou seja, Freitas por pertencer a uma estirpe de descendência europeia estava destinado a práticas heroicas e não transgressivas à moral. Murari (2010) lembra, por outro lado, que Simeão Arruda, vilão da trama, também é branco e de olhos claros, ao passo que Edmundo da Silveira, personagem narrado como íntegro, é mestiço. Como se percebe, tal fato poderia desautorizar a nossa afirmação anterior. No entanto, a ensaísta salienta que no Naturalismo a mistura racial, idealizada por Alencar como formadora da identidade nacional, dera lugar a um sentimento de ambiguidade, porquanto ao mesmo tempo que é vista como símbolo de brasilidade é interpretada como arriscada à

civilização, tendo em conta as teorias das ditas “raças inferiores”, conforme podemos ver a seguir:

Saliente-se, entretanto, que o “vilão-mor”, Simeão Arruda, corrupto comissário distribuidor de socorros públicos, é também um homem alvo e de olhos claros. Este tem como rival Edmundo da Silveira, representante dos traços étnicos prevalecentes na população cearense, além de homem correto e culto: “Os olhos, barba e cabelos, de um negro cor de jucá, assentavam admiravelmente sobre o rosto de um moreno de jambo. Sua fronte espaçosa e varonil limitava-se por uma cabeça achatada, perfeitamente cearense” (TEÓFILO, 1977, p. 111). O consórcio de Edmundo – o tipo regional mestiço, de origem branca e indígena, em sua versão consolidada – e Carolina - pura herdeira da colonização portuguesa – , expressa uma utopia da mestiçagem que, sobretudo a partir da obra de José de Alencar, havia se tornado um ideal formador da identidade nacional entre os intelectuais brasileiros. Em sua versão naturalista, a mistura racial perdeu, no entanto, a conotação idealista, e deu origem a um sentimento de ambiguidade , ao mesmo tempo consagrada como símbolo do ser brasileiro é vista como perturbadora ameaça à implicação da civilização no país, dadas as tendências virtualmente regressivas das ditas “raças inferiores” (MURARI, 2010, p. 231).

### **Considerações finais**

Na primeira parte deste artigo, discutimos que o conceito de acumulação literária está na base da leitura de Antonio Candido no tocante ao processo de formação da literatura brasileira que, consoante o crítico, é composto por uma tensão, uma “dupla fidelidade” entre o arquétipo europeu e a matéria local. Vimos que essas leituras estão presentes em diferentes textos do ensaísta, como nos livros *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)* (2017), *Educação pela Noite* (2017) e *Literatura e Sociedade* (2014).

Observamos que Candido, no ensaio “Literatura de dois gumes”, de *Educação pela Noite*, aponta que, em sua formação, as literaturas do Continente Americano são essencialmente europeias, posto que continuam o estudo da alma e da sociedade concebido na tradição da metrópole, adaptando, com isso, os padrões estéticos e intelectuais da Europa às condições físicas e sociais do Novo Continente.

Além disso, destacamos que o pressuposto histórico, traçado por Candido desde a *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)*, fora base para que Roberto Schwarz, em *Ao vencedor as batatas* (1977), analisasse os impasses do romance *Senhora* (1997), de José de Alencar, e afirmasse, logo no princípio de seu ensaio, que o

romance é um gênero de acumulação que foi difícil para a literatura brasileira, porquanto os estímulos vinham e vêm de fora.

Ademais, salientamos que Paulo Eduardo Arantes, em *Sentimento da Dialética* (1992), vale-se deste arcabouço de “dupla fidelidade” apontado e analisado por Candido e desenvolvido posteriormente por Schwarz, para afirmar que por meio deste olhar dialético é possível entender a lógica específica do sistema literário brasileiro.

Desse modo, analisamos, na primeira parte deste trabalho, que o processo de acumulação literária é intrínseco à linha evolutiva do sistema literário brasileiro, característica que nos levou à compreensão da manutenção de elementos europeus em romances brasileiros de diferentes épocas. Além disso, vimos que essa ocorrência fora observada por Machado de Assis ainda 1873, no seu ensaio “Instinto de nacionalidade”, no qual notara, pode-se dizer “precocemente”, a dependência cultural do romance brasileiro em relação aos arquétipos da Europa e já apontava para o fato de que a conquista dessa independência percorreria anos e deveria contar com a tinta de muitas gerações. Com isso, conjecturamos que muitos romances brasileiros, publicados após o ensaio de Machado, ainda trouxessem, em sua estética, aspectos ligados ao modelo europeu.

Na segunda parte deste artigo, partimos do conceito de acumulação literária para analisarmos a construção do personagem Manuel de Freitas, do romance *A fome* (1890), de Rodolfo Teófilo. Notamos que Freitas, sertanejo oriundo de uma das mais antigas e importantes famílias do sertão cearense, é narrado como um Hércules à brasileira, pois realiza diversas ações heroicas e exuberantes no decorrer da narrativa, por exemplo, o abate de uma onça utilizando, a seu favor, apenas um chapéu de couro e uma faca. Destacamos que esse aspecto hiperbólico das atitudes de Freitas está vinculado à necessidade de construção de uma identidade nacional e a criações estereotipadas, segundo a tradição europeia. Isto é, o aspecto hercúleo do sertanejo Freitas está ligado à influência cultural de paradigmas literários, que a literatura brasileira recebeu, no decorrer de sua formação, dos países europeus. Assim, foi possível compreender que Freitas é uma mescla de elementos local (sertanejo) e metropolitanos (hercúleo), porquanto almeja construir o estereótipo de um herói brasileiro e, concomitantemente, lançar mão de modelos europeus para a construção desse personagem.

Ademais, examinamos que o instinto heroico do sertanejo impede o leitor de atribuir a “perversão moral” à seca, mas à “fraqueza” de caráter das classes inferiores,

pois o personagem, ao contrário dos retirantes pobres, não age de maneira animalesca e, portanto, mantém a sua humanidade ante as adversidades. Nesse sentido, consideramos que a distinção do sertanejo Freitas em relação às camadas inferiores está relacionada a preconceitos sociais e raciais, que atribuem às classes inferiores e aos negros uma predisposição a ações animalescas. Com isso, Freitas, por ser ascendente de uma estirpe europeia, estava “predestinado” a práticas heroicas e não “ímorais”.

Assim, a partir do que vimos, podemos dizer que essa extravagância atribuída a Freitas e a suas ações é a idealização de um herói brasileiro, porém à moda europeia, isto é, um Hércules à brasileira, que tem como finalidade construir uma identidade nacional epopeica embebida nos moldes europeus, mas também em preconceitos sociais e, por último, de raça, vinculados a teorias raciais, recorrentes no século XIX.

## Referências

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Klick editora, 1997.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da Dialética na Experiência Intelectual Brasileira (Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz)*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- ASSIS, Machado de. *Instinto de Nacionalidade*. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/355080/mod\\_resource/content/1/machado.%20instinto%20de%20nacionalidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/355080/mod_resource/content/1/machado.%20instinto%20de%20nacionalidade.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.
- MURARI, Luciana. O real inverossímil: ficcionalidade e pedagogia social na prosa regionalista de Rodolfo Teófilo. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de (org.). *Modernização e crítica social na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin, 2010.
- NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história (Saques e outras ações de massas no Ceará)*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos (Ensaio sobre dependência cultural)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWARCZ, Lilian Morritz. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2012.

TEÓFILO, Rodolfo. *A fome*. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

Recebido em 20/02/2023

Aprovado em 15/05/2023